Ciranda da poesia

ROSE AUSLÄNDER

por SIMONE BRANTES

ed uerj

Editora UFPR

Ciranda da poesia

ROSE AUSLÄNDER
por SIMONE BRANTES

UNIVERSIDADE DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO

Reitor
Ruy Garcia Marques

Vice-reitora
Maria Georgina Muniz Washington

Reitor
Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-Reitora
Graciela Inês Bolzón de Muniz

Pró-Reitor de Extensão e Cultura
Leandro Franklin Gorsdorf

Diretor da Editora UFPR
Rodrigo Tadeu Gonçalves

Vice-Diretor da Editora UFPR
Hertz Wendel de Camargo

EDITORA DA UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Conselho Editorial

Glaucio José Marafon (*presidente*)
Henriqueta do Coutto Prado Valladares
Hilda Maria Montes Ribeiro de Souza
Italo Moriconi Junior
José Ricardo Ferreira Cunha
Katia Regina Cervantes Dias (UFRJ)
Lucia Maria Bastos Pereira das Neves
Luciano Rodrigues Ornelas de Lima
Maria Cristina Cardoso Ribas
Tania Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira
Anibal Francisco Alves Bragança (EdUFF)

**Conselho Editorial
que aprovou este livro**

Allan Valenza da Silveira
Claudio Jose Barros de Carvalho
Cristina Gonçalves de Mendonça
Eleusis Ronconi de Nazareno
Fernando Cerisara Gil
Marcos Alexandre dos Santos Ferraz
Sonia Maria Breda

COLEÇÃO CIRANDA DA POESIA

Conselho

Italo Moriconi (coordenador)
Diana Klinger
Guilherme Gontijo Flores
Marcos Siscar
Masé Lemos
Rodrigo Tadeu Gonçalves
Viviana Bosi

Ciran[da da]poesia

ROSE AUSLÄNDER
por SIMONE BRANTES

ed uerj
Editora UFPR

Copyright © 2019, EdUERJ.
Todos os direitos desta edição reservados à Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, ou de parte do mesmo, em quaisquer meios, sem autorização expressa da editora.

EdUERJ
Editora da UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Rua São Francisco Xavier, 524 – Maracanã
CEP 20550-013 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel./Fax: 55 (21) 2334-0720 / 2334-0721
www.eduerj.uerj.br
eduerj@uerj.br

Editora UFPR
Rua João Negrão, 280, 2º andar - Centro
Tel.: (41) 3360-7489
80010-200 - Curitiba - Paraná - Brasil
www.editora.ufpr.br
editora@ufpr.br

Editor Executivo	Glaucio Marafon
Coordenadora Administrativa	Elisete Cantuária
Coordenadora Editorial	Silvia Nóbrega
Assistente Editorial	Thiago Braz
Coordenador de Produção	Mauro Siqueira
Assistente de Produção	Érika Neuschwang
Supervisor de Revisão	Elmar Aquino
Revisão	Fabiana Farias
Capa Projeto e Diagramação	Heloisa Fortes

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/NPROTEC

A932 Brantes, Simone.
Rose Ausländer/por Simone Brantes. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016.
224 p. – (Ciranda da Poesia)

ISBN 978-85-7511-397-4

1. Ausländer, Rose, 1901-1988 – Traduções para o português. 2. Ausländer, Rose, 1901-1988 – Crítica e interpretação. I. Título. II. Série.

CDU 821.134.3(81)-1

ISBN (EdUERJ) 978-85-7511-397-4
ISBN (Editora UFPR) 978-85-8480-210-4

2019

SUMÁRIO

Apresentação 7

Antologia 121
Réptil 122
Imortalidade 123
Cômodo I 124
Aqui e lá 125
Lágrimas de crocodilo 126
O pai 127
Acusação 128
Os forasteiros 129
Diógenes 130
Solidão II 131
Cabelo cinza 132
Pelos quatro ventos 133
Um dia no exílio 134
Eu sou Caim... 135
Diante do espelho 136
Ainda estás aqui 137
Pai nosso 138
Naqueles anos 139
De novo II 140
Terra mátria 141
Língua mátria 142
Meu rouxinol 143

Passado o Carnaval 144
Na aldeia de Chagall..... 145
Cega..... 146
Esmola 147
Godot 148
Círculos..... 149
Minha filha 150
Quando o inverno..... 151
Assim é..... 152
Odisseu 153
A ilha 154
A música está quebrada 155
Rei Dia..... 156
Ar..... 157
O céu 158
Legado 159
O ainda mais branco 160
Le Cháim 161
Quem sou eu..... 162
Na parca de neve 163
Sono branco 164
Convite 165
Amor IV..... 166

Poemas originais..... 167

Referências 213

Sobre Rose Ausländer 217

Sobre Simone Brantes..... 219

APRESENTAÇÃO

Quando surgiu a oportunidade de escrever um ensaio sobre Rose Ausländer que servisse de apresentação à tradução de seus poemas, a primeira coisa que me ocorreu foi uma questão de método: como interpretar seus poemas a partir das traduções e esquecer o original? Não pareceria ao leitor uma interpretação dos poemas em português uma interpretação de segunda ordem? Uma discussão sobre a própria questão da tradução seria então inseparável do ensaio. E uma questão sobre a tradução é quase sempre uma questão sobre a natureza da linguagem. Ora, ao trazer essa questão para o centro da reflexão, foi ficando cada vez mais claro que uma das principais questões da poesia de Rose Ausländer é a problematização da linguagem, o que faz parte da experiência de todo exilado. Para mostrar a abrangência dessa questão na poesia moderna – uma questão que não precisa do exílio como foi vivido pela poeta para se expor –, me pareceu interessante estabelecer conexões entre os seus poemas e textos de autores e poetas deste século. Assim, há, como preparação para chegar ao poema de Rose Ausländer "Aqui e lá", uma análise de um poema de Adriana Lis-

boa ("Imperialismo cultural"). Como também a análise de um poema de Charles Bernstein ("É o tempo"), na tradução da poeta e tradutora Marília Garcia, como forma de preparar a análise do poema "De novo II". Pareceu-me que esta reflexão colocava em movimento uma verdadeira *ciranda de poesia*. Assim, a questão da linguagem como é colocada a partir dos poemas de Rose Ausländer e dos poemas dos dois outros poetas abre espaço para a afirmação da originalidade de uma interpretação de poemas traduzidos. Estou convicta de que uma poeta que sempre quis se distanciar do rótulo de "poeta do holocausto" e de uma forma tão corajosa reinventou sua poesia no final dos anos 1950 teria prazer em participar de tal ciranda. Por fim, a questão da linguagem, ao ser desenvolvida neste ensaio sempre pela articulação entre poesia e filosofia, prepara, a partir da interpretação do poema "Meu Ar", o caminho para uma elaboração da questão da proximidade e distância entre poesia e filosofia na obra da poeta. Uma questão que tentará ganhar corpo, será suficientemente elaborada para que possa ser deixada em aberto, à espera dos possíveis leitores deste ensaio. Antes do ensaio propriamente dito, começo com uma nota biográfica.

Rosalie Beatrice "Ruth" Scherzer, mais tarde Rose Ausländer, nasceu em Czernowitz, capital da Bucovina, então parte do Império austro-húngaro, em maio de 1901, e faleceu em Düsseldorf no início de 1988. Em "Alles kann Motiv sein"

("Tudo pode ser motivo"), onde tenta responder à pergunta "Por que escrevo?", a Bucovina aparece como uma provável razão para a sua escrita: "Por que escrevo? Talvez porque em Czernowitz eu vim ao mundo, porque o mundo veio a mim em Czernowitz" (2005a, pp. 7-12). Que mundo é este que vem à poeta em Czernowitz? Ela própria responde a esta pergunta neste mesmo texto, em outros depoimentos e em grande parte de seus poemas. Esse é um mundo natural: as florestas de faias que circundam a cidade, as montanhas de pinheiros, os "bosques em cachos", as "colinas de amoras", os Cárpatos, o rio Pruth, as aldeias vizinhas, as paisagens solares com as quais no início apenas o inverno antagoniza (1984a, p. 30):

Quando o inverno

Flores cessam
de dizer SIM
quando o inverno
a boca lhes tampa
com neve

NÃO gélido

O que vem a ela em Czernowitz é, como ela diz em "Alles kann Motiv sein", "aquela paisagem especial", mas também "as pessoas especiais". Aqui Rose Ausländer não utiliza a palavra "especial" apenas no mesmo sentido em que a utilizamos para falar daquelas pessoas que para

nós se destacam da maioria porque têm qualidades excepcionais ou porque se tornaram indispensáveis em nossa vida. Ela usa esta palavra também para falar de uma constituição especial de povo, uma constituição rara, que apenas em alguns momentos especiais se estabelece.

No poema "Bukovina II", traduzido por Irene Aron para a revista *Cacto* (2003, pp. 126-7), após a descrição da paisagem, essa constituição especial é assim nomeada em sua terceira estrofe:

Quatro línguas irmanam
canções
em tempos partidos

As quatro línguas correspondem a quatro povos: o judeu, o alemão, o romeno e o ruteno. São esses os povos – junto com poloneses e armênios – que habitam a região quando, em 1775, o seu domínio é cedido pelos turcos ao imperador austro-húngaro José I. As leis que estabelecem a igualdade de direitos promulgada pelo imperador começam a criar entre populações, até então em conflito, um clima de convivência pacífica.

Quando a poeta nasce no começo do século XX, essa convivência pacífica parece estar consolidada: "Quatro línguas irmanam / canções / em tempos partidos". Num tempo de partido, de homens partidos (é impossível não se lembrar do poema de Drummond), a Bucovina é apresentada como o lugar idílico, uma

pátria multicultural ao abrigo da "catástrofe mundial".

Em um poema intitulado "Czernowitz. 'História em uma casca de noz'" (2005a, pp. 28-9), a poeta declara o seu vínculo essencial com uma dessas culturas (canções):

As crianças da monarquia
sonhavam cultura alemã

No começo do século XX, Czernowitz era o mais conhecido centro de cultura alemã no leste do Império austro-húngaro. Em *Rose Ausländer. Die Sappho der östlichen Landschaft* [Rose Ausländer. A Safo do Leste Europeu], Edith Silbermann sintetiza um depoimento de 1972, no qual, usando uma expressão de Schopenhauer, a poeta nos apresenta Czernowitz como uma cidade onde "o interesse do pensamento" superava "o pensamento do interesse", uma cidade de entusiastas da filosofia e da literatura. Em Czernowitz, "havia [...] discípulos de Nietzsche, espinosistas,[1] kantianos, marxistas, freudianos. Era-se tomado de entusiasmo por Hölderlin, Rilke, Stefan George, Trakl, Else-Lasker-Schüler, Thomas Mann, Hesse, Gottfried Benn, Bertolt Brecht. […] Karl Kraus

[1] A filosofia de Espinosa está estreitamente ligada para Rose Ausländer aos ensinamentos do filósofo alemão Constatin Brunner, um espinozista que desenvolveu sua própria doutrina, que em Czernowitz foi estudada no "seminário de ética", do qual Rose Ausländer participou como estudante de filosofia na Universidade de Czernowitz.

tinha em Czernowitz uma grande comunidade de admiradores" (Silbermann, 2003, p. 11).

Mas o poema "Czernowitz..." nos mostra que a cultura austríaco-alemã não é a única cultura sonhada pelas crianças da monarquia com as quais ela se identificará até o fim de sua vida:

Lendas em torno do Baal-Schem
de Sadagora: as maravilhas

A Bucovina, ainda segundo Edith Silbermann, foi a cidade em que se estabeleceu uma simbiose judaico-alemã. A origem de Rose Ausländer – a família de sua mãe era de Berlim e o pai era um judeu que recebeu até os dezessete anos uma formação religiosa na corte do *Wunderrabbi*[2] de Sadagora – vincula sua poesia a esta simbiose. Se o convívio, inicialmente através da mãe, com a literatura de língua alemã (representada no poema "Meu rouxinol" pelas canções de ninar) é decisivo para a sua escrita, também o é o legado do pai: a doutrina religiosa, o misticismo das lendas chassídicas, e a visão panteísta do universo com a qual ela entra em contato através do estudo de Espinosa mediado pelos ensinamentos do filósofo alemão Constantin Brunner.

O depoimento de 1972 fala da Bucovina dos anos 1920 e 1930, mas a "idade de ouro" que foi preparada pela promulgação da lei que garantia a igualdade de direitos chega ao seu fim com o começo da Primeira Grande Guerra.

[2] O rabino prodigioso, que faz milagres.

Esse é também o momento do primeiro exílio da poeta, cuja família foge para Viena quando os russos invadem a cidade. A estada em Viena é relativamente curta. O retorno, porém, não é um retorno às mesmas condições de vida de antes do início da guerra. O Império austro-húngaro, o grande perdedor no conflito, se fragmenta, e o domínio da Bucovina é cedido, com o Tratado de Saint-Germain, à Romênia. O romeno é declarado língua oficial. Há uma luta pela hegemonia romena no campo da cultura. Em janeiro de 1922, estudantes romenos tomam de assalto o Teatro Municipal e o declaram Teatro Nacional Romeno, onde fica proibida a encenação de peças em ídiche ou alemão. O antissemitismo romeno vai ganhando terreno e a população de origem judaica vai perdendo os direitos conquistados. Começa o tempo das emigrações dos judeus. Uma emigração que é externa – para outros países, principalmente os EUA –, mas também interna – para o âmbito privado da existência (Braun, 2006, pp. 15-8).

Com a morte do pai, a poeta é obrigada, por motivos econômicos, a emigrar. Sem o pai e com a crise econômica, a família não é capaz de se sustentar. Ela é a única que, pela idade e pela formação prática na Escola de Comércio em Viena, tem condições de assegurar a sobrevivência da família. Assim, abandona os estudos de filosofia e parte com seu colega de seminário de ética e futuro marido Ignaz Ausländer para os Estados Unidos. Depois de uma temporada em Winona, cidade de Minnesota, os dois

fixam residência em Nova Iorque. Só retornam à Bucovina após conseguirem, cinco anos depois, a cidadania americana. Neste retorno, Rose Ausländer conhece o grafólogo Helios Hecht, por quem se apaixona. Decide-se por ficar na Bucovina e somente volta a Nova Iorque para divorciar-se de seu primeiro marido. É neste período que, por intermédio de Alfred Margul-Sperber, sai pela Literaria-Verlag seu primeiro livro, *Regenbogen* (*Arco-íris*). Rose Ausländer não fica muitos anos com Helios Hecht, de quem se separa por um motivo aparentemente fútil para pôr fim a uma ligação amorosa que permanecerá como a mais importante de sua vida: sem a sua autorização, ele publica, em um jornal em que assina uma coluna, um perfil psicológico a partir de sua caligrafia. É nele que podemos quase sempre pensar quando, em seus poemas de amor, a poeta se dirige a um *tu* (1984a, p. 115):

Moramos vizinhos
palavra com palavra

Diga-me
amigo
a tua preferida

A minha chama-se
TU

Após a separação, seus amigos de Nova Iorque, temendo por sua vida diante do avanço do nacional-socialismo, conseguem uma nova permissão para que ela retorne aos EUA, uma vez que perdera a cidadania por ausentar-se mais do que o permitido do país. Um ano depois de instalada na cidade com a ajuda dos amigos, recebe uma carta da mãe onde ela expõe a sua delicada condição de saúde. É o ano de 1939, a guerra já havia começado com a invasão da Polônia pelas forças de Hitler. Sem desconhecer o perigo, mas sem prever todas as consequências do seu gesto, ela resolve retornar.

"Do berço / o descerrar de minhas pálpebras / caiu no Pruth". Assim começa o poema "Legado", no qual faz um inventário de suas posses que corresponde a uma síntese poética da sua biografia (1984b, p. 55). "Autobiografia em rios" é o título de um outro poema (2005a, pp. 48-50), em que cada exílio aparece indicado por um rio: depois do Pruth de sua cidade natal, o Danúbio (Viena), o Mississipi (Minnesota) e o Hudson (Nova Iorque). Quanto ao tempo vivido em Czernowitz durante a guerra, sabemos que o rio é o Caronte, mas ele não é explicitamente nomeado: Rose Ausländer fala da incrível sobrevivência à "viagem ao Hades".

Essa viagem começa com a presença das tropas russas na cidade graças ao acordo de não agressão firmado entre Hitler e Stalin, a consequente deportação para a Sibéria dos "burgueses" (entre os quais o editor da Literaria-Verlag,

que, "como milhares de outros, nunca mais retornou") e o recrutamento forçado de soldados para o exército russo (dos 1.500 homens recrutados apenas cerca de trinta sobreviveram, entre eles o irmão da poeta, Max Scherzer) (Braun, 2006, p. 63). Sob a suspeita de espionagem a favor dos EUA, a poeta vai para a prisão, onde fica por quatro meses até ser declarada inocente. Esse episódio, que não é mencionado em seu depoimento ou ensaio biográfico "Alles kann Motiv sein", é tematizado no poema "Im Kerker" (1991):

No cárcere

Dez minutos no pátio
o céu uma
lenda azul
Branca uma nuvem acena:
tua mãe espera

Com o rompimento unilateral do pacto por Hitler, a SS nazista entra em Czernowitz e declara gueto o bairro judeu. Começam os trabalhos forçados, a deportação para a Transnístria (uma região entre Bug e Dnjestr onde os romenos construíram um campo em que foram exterminados 220 mil judeus) e os assassinatos às margens do Pruth, quando as tempestades de neve impediam o transporte para morte. Também com uma bela tradução de Irene Aron, o poema "Nota biográfica" (2003, pp. 122-3) nos põe diante dessa *Hadesfahrt* da qual a poeta fa-

lará até o final de sua vida sempre "voando / num balanço / de ar":

Nota biográfica

Falo
da noite de fogo
que o Pruth
debelou

de chorões
faias de sangue
canto mudo do rouxinol

da estrela amarela
sobre a qual
morríamos hora a hora
não de rosas
falo

Voando
num balanço de
ar
Europa América Europa

não moro
vivo

É nesse tempo do gueto em Czernowitz que ela conhece o jovem poeta Paul Celan, recém-chegado do campo de trabalho forçado em Tabaresti. Sobre esse encontro decisivo para a sua poesia, ela fala em "Alles kann Motiv sein":

Czernowitz 1941. Nazis ocuparam a cidade, permaneceram até a primavera de 1944. Gueto, privação, horror, transporte para a morte. Naqueles anos encontrávamos às vezes amigos às escondidas, frequentemente correndo perigo de vida, para ler poemas. Em contraposição à realidade insuportável, tínhamos duas formas de agir: ou se caía no desespero, ou se emigrava para uma outra realidade: a espiritual. Nós judeus condenados à morte éramos indizivelmente carentes de consolo. E enquanto esperávamos a morte, alguns de nós moravam em palavras de sonho – nosso traumático lar na perda do lar. Escrever era viver. Sobreviver.

"... Nos barcos em fuga / as flâmulas apagam o sonho, dos céus..." – "... que constelações invisíveis florescem". Estes e outros versos me foram lidos por um rapaz, que em 1944 um amigo levou até mim: Paul Antschel Celan. Em troca eu li pela primeira vez meus poemas recém-escritos, que ele elogiou bastante (2005a, p. 10).[3]

Os poemas recém-escritos fazem provavelmente parte do ciclo "Ghetto Motiv", publi-

[3] Os versos citados de Paul Celan ("Auf den flüchtenden Kähnen / löschen die Wimpel den Traum, von den Himmel" e "daß unsichtbare Gestirne aufblühen") são versos respectivamente dos poemas "Weit" e "Sternenlied". Aparentemente houve, no momento da citação, uma troca do verbo *streifen* por *löschen*. É possível que a mudança se deva ao fato de o verso ter sido citado de memória, mas é possível também que o próprio Celan o tenha modificado após o seu primeiro encontro com Rose Ausländer.

cado no segundo livro da poeta, *Blinder Sommer*. Mas o realce no elogio de Celan está em desacordo com as impressões de Edith Silbermann, presente também ao encontro na casa de Rose Ausländer, que, em seu livro já citado sobre a poeta, fala da expressão sem qualquer entusiasmo do jovem Celan durante a leitura. A razão para a sua completa falta de entusiasmo ele exporia no caminho de volta: os poemas – ainda no estilo neorromântico do qual a poeta se liberta apenas no final dos anos 1950 – lhe pareceram "muito tradicionais" (Silbermann, 2003, p. 62).

O nome de Rose Ausländer sai repentinamente da lista das pessoas recrutadas para o trabalho forçado. Esse é o sinal da deportação iminente. Ela e a família se escondem no porão de casa e sobrevivem com a ajuda de amigos, principalmente da amiga Hanna Kawa, que viaja centenas de quilômetros de Bucareste até Czernowitz para ajudá-la.

Hitler está derrotado. Em 1944, as tropas russas entraram novamente na Bucovina. O que deveria significar uma libertação trouxe um novo perigo: a deportação dos judeus-alemães, vistos como inimigos, para as minas de Donez-Becken. Escapa quem consegue arranjar qualquer tipo de trabalho. Rose Ausländer consegue um emprego na biblioteca pública onde, segundo o escritor Alfred Kittner, havia naquele momento mais mulheres trabalhando do que livros. A Bucovina é anexada à União Soviética; aos alemães, judeus e romenos é oferecida a

opção de imigrar para a Romênia e outras regiões. Em 1946, a poeta deixa a Bucovina com sua família. De Bucareste parte, novamente ajudada por amigos, para Nova Iorque, onde espera preparar condições razoáveis para receber a família, que não conseguiu autorização para entrar no país.

Na primavera de 1947, chega a notícia da morte de sua mãe, e a poeta mergulha em uma longa crise psíquica, durante a qual cessa completamente de escrever e, quando retoma a sua escrita, o faz apenas em inglês. Em "Alles kann Motiv sein", ela assim se refere a essa "troca" da língua em que escreve seus poemas:

> Após muitos anos de silêncio, eu me surpreendo uma noite a escrever lírica inglesa. Meu primeiro texto em inglês começava deste modo: *looking for a final start* (em busca de um último começo). Muitos daqueles poemas foram publicados em revistas literárias americanas, alguns foram transmitidos pela rádio WEVD. Por que escrevo eu de novo em alemão desde 1956? Misteriosamente, assim como surgiu, desapareceu a musa inglesa (2005a, pp. 10-1).

Este "misteriosamente", porém, deve ser relativizado. Não apenas a superação progressiva do impacto paralisante do trauma da perda da mãe[4] possibilitou a retomada da *Mutterspra-*

[4] A mãe, que é fonte do canto quando canta as canções de ninar no poema "Meu rouxinol", de cuja manga a poeta puxa a harpa